



MERCANTILIZAÇÃO E ELITIZAÇÃO: A PROBLEMÁTICA DAS EXPOSIÇÕES SOBRE ARTEFATOS RECUPERADOS DO FUNDO DO MAR PARA ESTUDANTES DOS ENSINOS FUNDAMENTAL E MÉDIO

Congresso Online de Licenciaturas, 2ª edição, de 24/08/2021 a 26/08/2021

ISBN dos Anais: 978-65-89908-72-2

SILVA; Leandro Vieira da ¹

RESUMO

Com a expansão da Arqueologia pelo país, as exposições arqueológicas com apelo estético estão se tornando cada vez mais comuns. E esse aspecto recai sobremaneira nos artefatos recuperados do fundo do mar, principalmente de naufrágios. Entretanto, tal caráter de beleza não apresenta valor educacional se as coleções não apresentam os recursos necessários para transmitir as mensagens para os visitantes e, sobretudo, para aqueles que ainda estão em fase escolar. Dessa forma, o objetivo desse trabalho é expor dois fatores que incidem negativamente sobre a plena fruição educacional desses acervos resgatados dos ambientes marinhos: a mercantilização e a elitização. É possível ainda que algumas exposições estejam seguindo o caminho da simplificação e dessa maneira, ensinam menos ainda, já que as narrativas não estão visíveis, não há trabalho de interdisciplinaridade e tampouco transposição didática para os estudantes que estão no ensino fundamental. A linguagem expositiva, como qualquer outra linguagem, apresenta possibilidades e limites, e assumir isso permite buscar alternativas didáticas que possam colaborar com o desenvolvimento das exposições, que sejam importantes para o museu e para o grande público mais especificamente, a comunidade escolar. A mercantilização da cultura promovida pela indústria do entretenimento traz um risco real para o bom relacionamento entre uma determinada coleção arqueológica exposta em um espaço museológico e a sua finalidade educacional a partir de uma perspectiva crítica e reflexiva. E esse risco que mencionamos, acontece também pela própria complexidade da situação que o patrimônio arqueológico subaquático se encontra no Brasil, diante de dilemas que o envolve, como a sua conservação *in situ*, os saques, as escavações clandestinas, as demandas para sua conservação em terra, a fragilidade da legislação, dentre outros. O mercado muitas vezes impõe mecanismos, estratégias, códigos, gostos e até mesmo narrativas para atender os seus interesses e, no caso específico dos artefatos recuperados do fundo do mar, isso se torna ainda mais grave, devido ao estigma do famoso “tesouro”. Já a

¹ IEF-MG, leandro.vieira@meioambiente.mg.gov.br

elitização das exposições é outro risco proeminente. Terminar com visão elitista não é uma missão das mais simples, pois o discurso hegemônico faz parte de uma problemática ainda maior. E o antídoto para essa insídia está na democratização da instituição museal e o seu estreitamento com o público escolar, para que essa visão de mundo seja rompida e não mais reproduzida. Cultura e comunicação estão integradas com a educação, porque todo e qualquer museu ressignifica os artefatos, onde os visitantes podem aceitar, rejeitar, propor, negociar, etc. Assim, a educação preconizada pelos museus deve ser de natureza reativa e dinâmica, pois ela vai se concretizando na perspectiva da construção de valores patrimoniais ao longo do tempo. E para o caso específico dos bens recuperados do fundo do mar, o imaginário do “tesouro” poderá sair de cena, sendo gradualmente substituído por abordagens educacionais que possam mostrar aos estudantes como ocorriam as relações sociais nos mais diversos contextos marítimos.

PALAVRAS-CHAVE: educação, elitização, mercantilização, museus, patrimônio arqueológico subaquático